

# Verbetes femininos

**Artistas** participantes da exposição *Enciclopédia Negra*, em cartaz na Pinacoteca do Estado de São Paulo, abrem as portas de seus **ateliês** e falam sobre suas **rotinas, inspirações e perspectivas**

POR MARINA DIAS TEIXEIRA PRODUÇÃO LUCAS FREITAS FOTOS WESLEY DIEGO EMES



## Lidia Lisboa

Natural do Paraná, Lidia Lisboa chama São Paulo de lar há quase quatro décadas. Desde sua primeira experiência profissional, aos 19 anos, no ateliê-casa de alta-costura de Demi Queiroz, as fronteiras entre espaço de trabalho e de moradia se sobrepõem em seu universo. Não dá para discernir onde um termina e o outro começa no iluminado apartamento de 100 m<sup>2</sup> no segundo andar de um prédio na Bela Vista, que divide há 11 anos com o companheiro. “A cozinha, o quarto, a sala... cada canto é meu ateliê”, revela a artista de 50 anos, “com energia para viver mais 100”, assegura a própria. Inúmeros copos, bonecas, tecidos, linhas e contas conferem cor e forma tanto ao ambiente quanto às peças que dali transbordam: cerâmicas, instalações têxteis, esculturas e colares. Aos olhos das visitas, os itens parecem não seguir uma ordem lógica, “mas está tudo organizadinho na minha cabeça”, garante Lidia. Além da vasta coleção de materiais, o entorno também informa seu processo criativo: moradores de rua e suas roupas, um ônibus passando, as árvores, o ritmo frenético do centro paulistano, tudo é fonte de inspiração. O fazer artístico segue a mesma cadência acelerada da cidade. “Trabalho todos os dias, compulsivamente. Minha obra é a extensão do meu corpo, desde criança”, afirma a artista plástica, ceramista e *performer* autodidata. Referindo-se a nomes como Frida Kahlo, Rosana Paulino e Pina Bausch, ela aborda questões delicadas (como aborto, violência contra a mulher e sua condição no mundo) de maneira surpreendentemente poética e lúdica, como se pode comprovar nas exposições coletivas em cartaz na Galeria Almeida e Dale e no Museu de Arte Sacra de São Paulo. Lidia enxerga vida nos objetos e a devolve a eles. Foi o caso da obra comissionada para a *Enciclopédia Negra* – uma boneca preta, encontrada na rua sob chuva, resgatada, acolhida e vestida para habitar seu novo lar: a Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Beleza: Angel Moraes (Helioisa Hariadne), Brenno Melo/Capa Mgmt (Pamela Castro) e Rômulo Rosa (Juliana Dos Santos e Lidia Lisboa). Styling: Juliana Araujo/Jfrigo Mgmt (Pamela Castro) e Naylah Campos (Helioisa Hariadne, Juliana Dos Santos e Lidia Lisboa)



Acima, esculturas penduradas da série *Cicatrizes*, e, à frente delas, chapa de vidro azul de Cleber Machado e prato de Iberê Camargo (à dir.). Na pág. anterior, Lidia veste uma criação sua e é rodeada por vários objetos: “Eles me protegem”, fala – entre suas mãos, escultura da série *Cupinzeiros*, e, na parede, em meio a mais obras de sua autoria, trabalhos de Totonho Laprovitera, de Alice Brueggemann e artefato indígena



Acima, em primeiro plano, detalhe do processo de pigmentação com a *Clitoria ternatea*, cuja cor conversa com o azul da cianotíпия ao fundo, que também leva o nome da planta. Na página seguinte, atrás de Juliana, no painel de madeira instalado por ela, estudo para *Sobre o Que Fica Depois Que o Azul se Vai*, pintura com flor de *Clitoria ternatea* sobre papel algodão, realizada para a exposição no Museu de Arte do Rio – na bancada, pétalas da flor, tintas de aquarela e alguns trabalhos em andamento, e, no piso, almofada e tapete de Eliana De Oliveira, mãe e primeira referência da artista

## Juliana Dos Santos

Na pandemia, Juliana Dos Santos reformou, com as próprias mãos, um quarto de 3,5 x 4 m na casa da mãe a fim de transformá-lo em estúdio. Durante três meses, inspirada no antigo ateliê de Rosana Paulino, também montado na residência materna, ela resgatou os aprendizados do curso técnico em design de interiores e os aplicou no projeto: rebocou, pintou, cortou prateleiras, instalou iluminação e placas de madeira nas paredes. “Foi um momento muito importante de introspecção e de mergulho no meu processo criativo. Consegui construir meu mundo aqui”, conta a artista visual de 34 anos, doutoranda no Instituto de Artes da Unesp e atualmente em cartaz na coletiva *Imagens que Não se Conformam*, no Museu de Arte do Rio. “Há uma disputa no espaço entre biblioteca e ateliê”, brinca. Pudera: referências brotam das articulações de intelectuais e artistas negros como Renata Felinto e João da Cruz e Sousa, cujo poema *O Emparedado* está pendurado ali. O texto levou Juliana (que, no início de sua trajetória, incorporava discussões sobre raça, gênero e classe de forma contundente) a buscar uma “suspensão poética” em sua abordagem. Já o encontro com o azul, foco de uma investigação corrente, se deu em um templo budista. Em meio aos mantras, ela experienciou, sem ser pela retina, a cor do chakra frontal: azul-violeta, o mesmo tom da *Clitoria ternatea*, flor comestível de origem indonésia que hoje tingiu suas aquarelas. A pétala encontrou a vocação política da artista na produção para a *Enciclopédia Negra*: o azul compõe o pano de fundo para fragmentos de fotos de um antigo álbum de família que dão a ver olhos, nariz e boca das personalidades retratadas. A sinestesia atravessa todo o fazer de Juliana, que já foi dançarina de balé folclórico, passou por teatro, corais e blocos de carnaval. “Para mim, não existe separação entre as linguagens artísticas. Às vezes, desenho dançando, às vezes, para montar uma instalação, preciso cantar. O campo do sensível é expandido, não é fragmentado.”

O palco para essa expansão? O ateliê.





## Panmela Castro

Alteridade e pertencimento norteiam tanto a arte quanto o espaço onde Panmela Castro vive e produz desde 2016: uma casa de morro que “não é chique, mas, sim, afetiva”, no Catete, Rio de Janeiro. Aos 40 anos, conta que sempre se sentiu ocupando um não lugar. “Nem branca, nem negra retinta, nem gorda, nem magra, da academia e da rua.” A solução? Abrir seu processo criativo autobiográfico. “Quando o outro se identifica com as minhas experiências, o ciclo se completa e eu pertencço a algum lugar”, revela. A magia acontece no seu lar, em particular na varanda, destinada à pintura. Aqui, durante a pandemia, ela desenvolveu a série *Vigília*, ainda em curso. Resultado de noites com namorados ou amigos próximos, as pinturas registram essa verdadeira performance. “Ninguém sabe o que acontece ali! Eu preparo um jantar, bebidas, acendo as luzinhas e a varanda vira uma discoteca. Tem gente que fica até o amanhecer. A vista para o Pão de Açúcar e o mar é de tirar o fôlego.” Antes disso, nos primeiros meses de isolamento, Panmela elaborou as pinturas para a *Enciclopédia Negra*. “Daquela vez, o desafio foi experimentar a partir da imaginação. Fiquei preocupada com o contexto histórico, pesquisei referências, fui fazendo e refazendo.” Tanto que, para chegar às cinco obras comissionadas, realizou 18. Muitas se encontram na galeria paulistana Luisa Strina, que passou a representá-la no início do ano e atualmente mostra seu trabalho na coletiva *O Canto do Bode*, uma parceria com as galerias Fortes D’Aloia & Gabriel e Sé na Casa da Cultura da Comporta, em Portugal. Conhecida pelos retratos, Panmela ganhou fama com performances e grafites, aludindo a nomes como Sophie Calle, Tracey Emin e Louise Bourgeois. O ativismo de sua arte é complementado pela ação na Rede Nami, organização liderada por ela em prol dos direitos da mulher, localizada na mesma rua do antigo sobrado com pastilhas brancas e azuis na fachada: “É aqui que me sinto livre, em casa.”



Acima, detalhe de obra em óleo, tinta acrílica e carvão sobre linho, realizada durante residência em abril de 2021 no vilarejo de Olhos D’água, GO. Na pág. anterior, Panmela diante do óleo sobre tela da série *Vigília* – um retrato de Brenda Valansi, diretora da ArtRio –, ao fundo, desenho em andamento, e, sobre o feltro preto que protege o piso da varanda-ateliê, latinhas de tinta spray, telas antigas enroladas e *Oratório* (no canto, à dir.), trabalho participativo que discute “processo de cura, ritual e autoestima”



## Heloisa Hariadne

Aos 23 anos, recém-formada na faculdade Belas Artes, de São Paulo, Heloisa Hariadne está a todo vapor para sua primeira individual. A exposição, com curadoria de Carolina Lauriano, inaugura na Galeria Leme em agosto, quando a pintora completa um ano em seu endereço na avenida Vieira de Carvalho, região central da capital paulista. O Divino Mestre, personalidade que retratou para a *Enciclopédia Negra*, ganhou cara e corpo já neste lugar, no nono andar do edifício residencial na esquina do Largo do Arouche. A sala da artista é um dos cômodos de um apartamento convertido em ateliê compartilhado entre seis pessoas, e não é o único do prédio – há mais um estúdio três pavimentos abaixo, enquanto um centro cultural toma conta da cobertura. Do coração da metrópole, Heloisa consegue abstrair o cinza, o concreto e a poluição para conceber obras de cores vibrantes, ricas em organicidade e textura. Entre as maiores influências do momento, frutas e plantas: “Se ando comendo muito mamão, eu acabo pintando mamão. Fico períodos consumindo só frutas. São coloridas e a dieta ajuda a pintar porque me dá mais energia.” A vitalidade dos trabalhos é diretamente proporcional à simplicidade do espaço: três paredes brancas, pé-direito generoso, bancada e janela ampla, pela qual entram raios de sol que iluminam as telas. A artista só trabalha à luz do dia. Junto à vidraça, uma cama para os períodos mais corridos, nos quais acorda às 5h e já começa a criar. A cabeça não para entre referências de Hilma af Klint, Kerry James Marshall, livros de botânica e frutas exóticas. Mesmo quando as obras em tinta acrílica e bastão a óleo, que levam até dois meses para secar, partem para novos destinos, a pintora segue enxergando suas silhuetas contra as paredes. “Talvez seja um sinal de que não queriam sair daqui!”, ri Heloisa. ●

Acima, detalhe com a paleta de tintas acrílicas e materiais, entre eles, uma câmera analógica. Na pág. seguinte, Heloisa à frente da pintura *Ouvindo o Que Sinto para Entender Quem Sou*, em tinta acrílica e bastão a óleo, a ser exibida pela primeira vez na Galeria Leme, em agosto – ao lado da artista, pilha de livros coroada com a *Enciclopédia Negra*, de Flávio Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Schwarcz (*Cia das Letras*, 720 págs.)

